

## Vestígios do 25 de Abril nos filmes de Ana Hatherly

Luís Alves de Matos  
Cineasta

Uma das características fundamentais da obra de Ana Hatherly é a multiplicidade de expressões artísticas, marcada pela coerência dentro dessa grande diversidade e pela unidade que se manifesta de uma forma consistente em toda a sua obra, visual ou literária, através do domínio das técnicas e da procura consciente de experimentar novas linguagens.

Para entender o singular percurso cinematográfico de Ana Hatherly, irei abordar apenas dois filmes que me parecem fundamentais. Refiro-me aos seus filmes: *Revolução*, de 1975 e *Rotura*, de 1977, inspirados em diferentes sentimentos provocados pela Revolução de 25 de Abril de 1974. Em ambos os filmes existe um intenso olhar sobre o real com um consequente e profundo exercício político de reflexão sobre a sociedade.

Estes dois filmes não são um caso aparte na sua obra, mas uma parte naturalmente integrada no seu percurso, o que não é comum em outros artistas com múltiplas intervenções criativas. Ana Hatherly foi construindo o seu caminho como um mapa de diferentes rios que desaguam num mesmo mar, imaginário e sobretudo enigmático. Estes filmes nascem de uma inesperada coincidência, a artista termina os seus estudos cinematográficos na London Film School em Londres e quando chega a Portugal acontece a Revolução do 25 de Abril de 1974. O filme *Revolução* pode ser entendido como um estudo histórico, preciso e rigoroso sobre a revolução dos cravos. Filmado a cores, com uma pequena câmara de 8 mm, Ana Hatherly percorre as ruas em busca dos vestígios da revolução do povo. Incorpora o pulsar do real num filme fragmentado na sua natureza conceptual minimal, dando a ver a explosão dos graffiti, posters e manifestos políticos inscritos pelas paredes e murais de Lisboa, construindo um imenso manifesto visual da expressão plástica anónima em que as ruas de Lisboa se transformaram entre 1974 e 1975.

A sua principal motivação foi testemunhar a (re)conquista da liberdade pelo povo após quase meio século de ditadura, a urgência de filmar os ecos do processo revolucionário. O resultado final é um documentário único, sintético, de planos rápidos (frases, rostos, inscrições, figuras de posters, símbolos partidários) que interpelam sem cessar, confrontando o espectador com uma sensação vertiginosa de imagens com origem na riqueza de linguagens gráficas que proliferam neste período. Ana Hatherly assume-se como uma cineasta experimental, mas que domina profundamente

a técnica cinematográfica e que procura o rigor e a intencionalidade, demonstrando saber o que faz e porque o faz. Nas suas palavras:

Confeccionar imagens é elaborar um roteiro para as mais imprevisíveis viagens porque as imagens constroem-se a si próprias na diferente observação. O criador de imagens é um cego a quem é dado ver numa pequena pausa fria (Hatherly, 2006: Tisana 282).

Um dos aspectos que torna, *Revolução*, um filme ímpar, é a capacidade de convocar o espectador para o interior do filme, ou seja, para dentro da Revolução. Esta deslocação é produzida através de uma montagem seca e precisa, própria de uma gramática cinematográfica directa, de passagem dos planos por corte, incisiva, sem efeitos, no fundo, coerente com o ambiente vivido nas ruas, de determinação e de esperança. A construção da montagem neste filme também parece perseguir um outro objectivo, utópico como a revolução em si mesma: o de (re)construir um alfabeto gráfico de uma revolução. Aliás, esse objectivo, consciente ou não, está relacionado com outros trabalhos sobre a origem da escrita a que se dedicou Ana Hatherly.

A sua aprendizagem na escola de cinema prepara-a inesperadamente para este filme, permitindo-lhe estabelecer ao longo da montagem, relações sensoriais, de ritmos e tempos, com resultados surpreendentes a que não será casual a sua formação musical, anterior à carreira literária iniciada com o livro de poesia *Um ritmo perdido* de 1958. Nas suas palavras:

O *experimentador*, como o *experienciador*, aproxima a arte da vida, assumindo a responsabilidade de uma subversão da ordem estabelecida, pela qual a criatividade se torna gesto revolucionário (Hatherly, 2001: 8).

Desta época os documentos cinematográficos que foram produzidos estão quase sempre relacionados com imagens de militares e de grandes massas populares que se movimentam num cenário de celebração.

Ana distingue-se de outros cineastas porque concebe um ponto de vista original, livre e descomprometido. Torna-se numa espectadora atenta, que observa, e que numa tremenda lucidez capta o sentimento profundo de liberdade que se vive.

A concepção sonora neste filme é pensada para nos fazer sentir o que está **fora de campo**, o que está escondido. Os slogans revolucionários, palavras de ordem e discursos políticos, permitem ao espectador imaginar o que se passa para além dos muros. Por isso esta sensação de actualidade que sentimos quando visionamos de novo estas imagens quase quarenta anos depois.



[Ilustração 1: Frame do filme *Revolução* de Ana Hatherly, 1975. Fonte: <<https://youtu.be/xnImaNQfwqI>>]

Helmut Woll diz que o que impressionou os ingleses e o mundo na 1ª exposição sobre arte portuguesa após a ditadura do Estado Novo é que o trabalho da Ana está vincado à revolução e é uma mulher que o faz de uma forma surpreendente pela energia e força aplicadas: «Ana Hatherly encontrou o veículo capaz de reflectir a violência psicológica e emocional da revolução» (Woll, 1978 citado em Hatherly, 1992: 77). O filme *Revolução* seria exibido na Bienal de Veneza em 1976 e circularia pelo mundo, recentemente esteve em 2012 no Festival *Cinéma du Réel* e irá mais uma vez ser exibido na Cinemateca portuguesa no dia 30 deste mês. Um filme do povo para o povo.

O outro filme, *Rotura*, de 1977, filmado em 16 mm, a preto e branco e que surge na sequência de *Poema d'Entro*, um trabalho apresentado na exposição colectiva intitulada *Alternativa Zero* no mesmo ano. Trata-se do registo da performance da artista que assim define o que vemos:

Em cima de um escadote, eu rasgava e dilacerava os 13 painéis de papel de cenário, com a dimensão de 1,20 x 2,20 m, esticados em suportes de alumínio, dispostos em labirinto, sob o fogo dos projectores de 2 equipas de cinema e dos flashes dos fotógrafos. Terminada a performance os resíduos da intervenção adquiriram um singular valor estético (Hatherly, 1992: 76).

No espaço da galeria, existe um percurso labiríntico por onde circulamos no nosso papel de intervenientes espectadores, enquanto a artista age, no seu gesto provocatório e experimental, em tempo real. Assistimos a uma encenação do efémero que o cinema eterniza.

Quando o filme foi feito tinham já decorrido três anos desde o 25 de Abril, a desilusão instalara-se, o sistema reorganizara-se e já não era a Revolução do povo. O país estava em processo de normalização social e de desencanto, por não se ter cumprido a revolução. Ana Hatherly agora substitui as paredes da rua, pelo espaço interior de uma galeria e as paredes dão lugar a painéis de papel em que ela intervém. Nas suas palavras:

Durante a intervenção, o público estava atónito. A performance era de grande impacto... Metia mesmo um pouco de medo... A violência do meu acto era mesmo terrível... Mas era um atentado... Quem esteve presente sentiu a violência do meu gesto (Hatherly, 1992: 76).

Ana Hatherly é uma artista dos sentidos e é num assumido gesto de revolta contra os valores vigentes na altura, que utiliza o simbolismo da violência como transgressão e como acto de libertação.



[Ilustração 2 – Frame do filme *Rotura* de Ana Hatherly, 1977. Fonte: <<https://youtu.be/eghPc-w85f8>>]

Liberdade e libertação são ideias que unem os dois filmes, a sua natureza é sensorial pois dependem da experiência do espectador. *Revolução* é o registo cinematográfico do sentimento de liberdade colectiva de um povo, *Rotura* é o registo de libertação individual de um artista. Segundo a autora:

Numa sociedade em decadência, se a arte quiser ser verdadeira, terá de reflectir essa decadência. *Rotura* consiste numa demonstração de recusa duma concepção de arte que permite que ela se torne um comércio de objectos com fins de puro investimento monetário. A atitude de destruição que fica exposta representa uma recusa de participar nos circuitos de exploração a que a arte e os artistas têm estado submetidos (Hatherly, 1992: 77).

É pois possível dizer que o trabalho cinematográfico de Ana Hatherly exprime na sua mais profunda natureza, o desejo de questionar o real. Nas suas palavras:

Como todos os vanguardistas, os Experimentalistas queriam chocar, queriam incomodar, mas porque é que incomodavam? Eles queriam romper com algo que outros queriam manter. Eram uma ameaça ao imobilismo, ao conformismo. À convenção, e os seus métodos eram vistos como uma forma de terrorismo cultural (Hatherly, 1992: 76).

*Rotura* em oposição a *Revolução* é um filme de interiores, onde Ana Hatherly é a protagonista. Vestindo uma indumentária popular (ironiza a figura de artista-tipo), executa uma

performance enquanto dirige o nosso olhar através da câmara. Aqui o tempo e o espaço alteram-se. É um aparente longo plano sequência em que a montagem tem por função suprimir o tempo, eliminar as pausas e acentuar o gesto brutal através de planos de pormenor do rasgar dos papéis. A violência vem do som dos instrumentos cortantes sobre o papel, o silêncio ausenta-se perante a sensação lancinante dos cortes. No final a artista sai de campo e ficamos sozinhos perante um cenário desolador que se tornou entretanto uma obra de arte.

A ousadia e autenticidade destes filmes está para lá do seu tempo histórico e por isso ainda hoje nos surpreendem e continuam vivos e continuam a ser procurados pelas gerações mais novas num interessante processo de identificação, pois a revolta é transversal a todas as gerações ao longo da história da humanidade.

### **Referências Bibliográficas**

HATHERLY, A., [1958]. *Um ritmo perdido*, Lisboa, Ed. Aut.

\_\_\_\_\_, [1975]. *Revolução*, filme, 8 mm, som, cor, 5', Lisboa. Disponível em <<https://youtu.be/xnImaNQfwqI>>, acesso em 10 ago. 2017

\_\_\_\_\_, [1977]. *Rotura*, filme, 16 mm, som, preto e branco, 6', Lisboa, Galeria Quadrum, Disponível em <<https://youtu.be/eghPc-w85f8>>, acesso em 10 ago. 2017

\_\_\_\_\_, [1992]. *Ana Hatherly. Obra Visual 1960-1990*, Lisboa, CAM-FCG.

\_\_\_\_\_, [2001]. *Um calculador de improbabilidades*, Lisboa, Quimera.

\_\_\_\_\_, [2006]. *463 Tisanas*, pref. Ana Hatherly, Lisboa, Quimera.

WOLL, H., [1978]. *Portuguese Art Since 1910*, Londres, Royal Academy.

Disponível em <endereço>, acesso em 10 fev. 2016.